

O papel dos esquemas emocionais na transgeracionalidade do processo de socialização das emoções negativas

Lara Palmeira¹, José Pinto Gouveia², Alexandra Dinis³ & Sara Lourenço⁴

Recentemente, com o reacender do interesse na temática das emoções nas diversas áreas da psicologia, tem-se verificado uma crescente preocupação com o estudo da socialização das emoções. Esta investigação foca-se primordialmente neste processo, procurando verificar a existência de um efeito transgeracional, numa amostra de 172 mães de crianças dos 8 aos 12 anos. Dos resultados obtidos sobressaem evidências que comprovam o efeito transgeracional, com os esquemas emocionais das mães a mediar a relação entre a expressividade emocional da sua família de origem e as reacções maternas à expressão de emoções negativas da criança.

PALAVRAS-CHAVE: socialização das emoções; expressividade familiar; reacções parentais; esquemas emocionais.

1. Introdução

As emoções representam processos nucleares no funcionamento humano, ocupando um lugar de relevo enquanto organizadores do desenvolvimento cerebral e do funcionamento psicossocial, influenciando-os e sendo influenciados por diversas dimensões do desenvolvimento, bem como pelas diferentes experiências de vida.

A literatura existente salienta o papel fundamental da família, primordialmente dos pais, enquanto agentes de socialização das emoções, enfatizando o seu impacto no

1 Centro de Investigação do Núcleo de Estudos e Intervenção Cognitivo-Comportamental (CINEICC) – Faculdade de Psicologia e de Ciências da Educação da Universidade de Coimbra - larapalmeira@gmail.com

2 Coordenador do Centro de Investigação do Núcleo de Estudos e Intervenção Cognitivo-Comportamental (CINEICC) – Faculdade de Psicologia e de Ciências da Educação da Universidade de Coimbra. Professor Catedrático da Faculdade de Psicologia e Ciências da Educação da Universidade de Coimbra.

3 Centro de Investigação do Núcleo de Estudos e Intervenção Cognitivo-Comportamental (CINEICC) – Faculdade de Psicologia e de Ciências da Educação da Universidade de Coimbra

4 Centro de Investigação do Núcleo de Estudos e Intervenção Cognitivo-Comportamental (CINEICC) – Faculdade de Psicologia e de Ciências da Educação da Universidade de Coimbra

desenvolvimento psicológico da criança. De facto, as interações familiares estabelecem-se, desde cedo, como ambiente privilegiado para a identificação e compreensão das emoções, aprendizagem da expressão e implementação de estratégias de regulação emocional. Neste contexto, as práticas parentais de socialização das emoções, especialmente a filosofia de meta-emoção dos pais, os seus esquemas emocionais, as reacções à expressão emocional da criança e a expressividade emocional da família parecem desempenhar um papel de especial relevância na determinação do ajustamento e desenvolvimento de capacidades sociais e emocionais da criança.

1.1. O processo de socialização das emoções

A socialização parental das emoções pode ser conceptualizada como o conjunto de comportamentos dos pais que reflectem as suas crenças, objectivos e valores relativos à experiência, expressão e modelamento das emoções na criança, sendo este um processo complexo e multifacetado. Assim, a compreensão deste fenómeno contém implicações a nível do desenvolvimento das competências emocionais e sociais, bem como no desenvolvimento de psicopatologia (Eisenberg, Cumberland, & Spinard, 1998).

Os pais apresentam-se como personagens fundamentais neste processo, uma vez que através da forma como validam e encorajam a criança a nomear e diferenciar as suas experiências emocionais contribuem para uma maior ventilação, conhecimento, diferenciação e aceitação emocional. O modo como propiciam o desenvolvimento de mecanismos progressivamente mais sofisticados de regulação emocional contribui para o bem-estar psicológico e adopção de comportamentos pró-sociais (Melo, 2005).

Tomkins (1962/1963 *cit. in* Melo, 2005) foi dos primeiros autores a apresentar duas categorias de socialização das emoções explicitando o seu papel na construção das teorias do afecto. Assim, de acordo com o autor, a socialização das emoções reforçadora inclui comportamentos parentais de validação emocional, reforço dos estados emocionais positivos sem evitamento dos negativos, bem como comportamentos que visam o suporte da criança nas suas tentativas de regulação emocional. Pelo contrário, as teorias de afectos desequilibradas desenvolvem com comportamentos parentais que não propiciam a validação emocional, fazendo uso de práticas punitivas e não reforçadoras.

Por seu lado, Eisenberg e colaboradores (1998) destacaram quatro modos através dos quais os pais procedem à socialização das emoções dos seus filhos, e que consequentemente, contribuem para o seu desenvolvimento sócio - emocional: através das reacções parentais à expressão emocional da criança, da sua própria expressão das emoções, discussão parental das emoções e a selecção ou

modificação da situação⁵ que podem ter efeitos indirectos (e.g. através dos efeitos no nível de activação da criança) e directos na experiência, expressão, compreensão e regulação emocional da criança (Valiente & Eisenberg, 2006). É de salientar que estes comportamentos parentais são multideterminados e resultam da interacção entre as características dos pais (valores, filosofia de educação da criança, regulação parental e emocionalidade), da criança (idade, sexo, temperamento, reactividade e reacções típicas da criança à disciplina), e de outros factores, nomeadamente a cultura e ambiente em que estão inseridos (valores culturais acerca da expressão das emoções ou o papel das práticas parentais na educação da criança) (Valiente & Eisenberg, 2006).

1.1.1. Reacções parentais à expressão emocional da criança

As reacções parentais face à expressão de emoções negativas são o factor que mais atenção empírica tem recebido (Eisenberg, Fabes & Murphy, 1996).

A maioria das investigações tem-se focado na relação entre as reacções parentais à expressão emocional da criança e a sua competência social, sugerindo que as reacções parentais negativas a emoções como medo, raiva ou tristeza se associam a menor competência social, piores resultados emocionais (Eisenberg, Fabes, & Murphy, 1996; Gottman, Katz, & Hooven, 1996; Roberts & Strayer, 1987) e a maiores índices psicopatológicos na criança (Garside & Klimes-Dougan, 2002 *cit. in* Suveg, 2003).

Buck (1994, *cit. in* Eisenberg et al., 1998) sustenta que pessoas que na infância eram punidas pela expressão de emoções negativas, tendem, na adultez, a esconder as suas emoções, mas experienciam uma reactividade fisiológica mais elevada em contextos evocadores de emoções. No mesmo sentido, Gottman, Katz e Hooven (1997) defendem que embora possa ser adaptativo, nalguns contextos, esconder as emoções, a tendência para responder com uma elevada activação interna apresenta custos a nível fisiológico e emocional.

Eisenberg e colaboradores (Eisenberg et al., 1996; Fabes, Eisenberg, & Bernzweig, 1990) investigaram três estilos invalidantes de respostas parentais à expressão de emoções negativas dos filhos, categorizando-as em *punitivas* (o grau em que os pais reagem punitivamente com o objectivo de diminuir a sua exposição ou necessidade de ter que lidar com as emoções negativas dos seus filhos); *minimizadoras* (o grau em que os pais minimizam a seriedade da situação ou desvalorizam o problema da criança ou a sua reacção perturbadora) e *perturbação*

5 A literatura têm-se focado essencialmente nos primeiros três tipos de práticas parentais de socialização de emoções, não obstante faremos apenas referência aos primeiros dois modos de socialização das emoções, uma vez que foram esses as medidas utilizadas nesta investigação.

parental (grau em que pais ficam perturbados/ emocionalmente desregulados quando os filhos expressam afecto negativo). Por oposição, as reacções parentais de suporte incluem o encorajamento expressivo (grau em que os pais encorajam a criança a expressar afecto negativo ou o grau em que validam os seus estados emocionais negativos), as reacções focadas na emoção (grau em que os pais respondem com estratégias que confortam a criança) e reacções focadas no problema (grau em que os pais ajudam a criança a resolver o problema que lhe causou perturbação).

Os autores defendem que as respostas parentais negativas intensificam a activação emocional da criança em contextos que evoquem emoções e, por consequência, aumentam a probabilidade desta experimentar um comportamento desadequado e desregulado (Eisenberg et al., 1996).

Na generalidade, as respostas parentais negativas à expressão de emoções negativas têm sido associadas ao uso de estratégias de *coping* evitante (Eisenberg et al., 1996), a baixos níveis de conhecimento emocional (Denham, Mitchell-Copeland, Strandberg, Auerbach, & Blair, 1997), baixos níveis de ventilação emocional em experiências de raiva (Fabes, Leonard, Kupanoff, & Martin, 2001), maior agressividade na interacção com os pais (Carson & Parke, 1996 *cit. in* Melo, 2005), menor conhecimento emocional da situação (Pearlman, Camras, & Pelphey, 2008), a baixos níveis de comportamentos socialmente adequados, baixa popularidade e poucas capacidades de coping construtivas, bem como a problemas de externalização relatados por pais e professores (Eisenberg et al., 1999).

Apesar de apresentarem resultados menos consistentes as reacções suportivas, associadas a um encorajamento e aceitação parental da expressão das emoções negativas dos filhos, parecem contribuir para o desenvolvimento de uma maior consciência dos diferentes estados emocionais e para a uma mais eficaz regulação emocional (Eisenberg et al., 1998)

A responsividade parental habitualmente conceptualizada como um componente do estilo parental que os pais manifestam durante a interacção com a criança (Darling & Steinberg, 1993), caracteriza-se pela tendência geral dos pais para serem suportivos e afectuosos, expressarem aprovação e dirigirem emoções e comportamentos à criança (avaliado, frequentemente, num contínuo com um estilo parental caracterizado pela crítica, punição e ausência de suporte), sendo por isso uma medida da qualidade dessa interacção. A responsividade parental às emoções positivas e negativas das crianças pode encorajar ou desencorajar a expressão e compreensão emocionais, tendo sido demonstrado que níveis elevados desta responsividade parental se associam a comportamentos sociais mais competentes (Denham et al., 1997).

1.1.2. Expressividade familiar

A expressividade pode ser definida como um padrão persistente ou estilo de exibição de expressões verbais e não verbais que, muitas vezes, se relacionam com as emoções. A expressividade emocional pode ser considerada positiva ou negativa e dominante ou submissa (Halberstad, 1991 *cit. in* Parker, 2006).

A frequência, intensidade e duração da expressividade emocional positiva ou negativa na família parece contribuir para a formação dos esquemas da criança acerca da emocionalidade, expressividade e do mundo (Dunsmore & Halberstadt, 1997) e das capacidades de regulação emocional da mesma (Eisenberg et al., 2001).

Dunsmore e Halberstadt (1997) consideram que, uma criança que aprenda que a expressão das emoções é aceitável e valorizada, terá provavelmente maior facilidade em exprimir abertamente as suas emoções. Pelo contrário, um ambiente familiar pautado pela inibição da expressão emocional poderá, implicitamente, levar a criança a recorrer a estratégias de supressão emocional de modo a regular as suas emoções. No entanto, os autores chamam a atenção para o facto do mesmo método de regulação emocional poder ser funcional num contexto (e.g. na família) e não noutra, (e.g. interacção com os pares). Deste modo, sugerem que uma tarefa desenvolvimental para a criança deverá ser a criação de modelos adicionais de expressividade emocional, que permitam responder com flexibilidade às exigências do contexto (Dunsmore & Halberstadt, 1997).

Neste contexto, Eisenberg e colaboradores (1998) sugerem diversos modos através dos quais a expressividade familiar pode afectar o funcionamento da criança, sendo eles: por imitação e contágio; mediação ou correlação com outros aspectos da prática parental que afectam a competência sócio-emocional da criança. De facto, mães mais responsivas tendem a expressar mais emoções positivas afectando, deste modo, a expressividade da criança. Acresce ainda que, a expressividade emocional da criança poderá ter implicações na qualidade do seu comportamento social (e.g. a expressividade emocional da criança pode mediar a relação entre a expressividade parental e a competência social da criança). A expressividade familiar pode, também, influenciar a capacidade da criança para interpretar e compreender as suas emoções e as dos outros, uma vez que a expressão emocional dos pais providencia informação acerca do significado dos acontecimentos, dos comportamentos que acompanham determinadas emoções e das reacções emocionais dos outros, promovendo a exposição da criança a uma variedade de emoções. Por último, a expressão parental das emoções (e.g. hostilidade, raiva) pode influenciar a competência sócio-emocional da criança de um modo mais directo, modelando o que a criança sente acerca de si, dos outros e do mundo (Eisenberg et al., 1998).

Por seu turno, Dunsmore e Halberstadt (1997) sugerem que é a interacção entre as características da criança com o estilo familiar de expressividade, as atribuições familiares das emoções e os protótipos culturais da experiência e expressão emocionais que afectam o desenvolvimento dos esquemas da criança e da sua avaliação das experiências e expressão emocional. Assim, a categorização e conceptualização infantil das emoções (como ameaçadoras, controláveis, facilitadoras de relações interpessoais ou contaminadoras do pensamento racional) emerge do contexto familiar e cultural onde as crianças se inserem, reflectindo, deste modo, as modalidades de coping e de expressão emocional que lhes estão subjacentes.

Existe um crescente número de evidências que mostram que crianças provenientes de um contexto familiar pautado pelo predomínio da expressividade positiva expressam mais emoções positivas, são mais populares junto dos pares, apresentam maior propensão para interpretar correctamente a expressão emocional positiva e compreender as emoções nas suas duas valências (positivas e negativas), apresentando, ainda, índices mais elevados de comportamento pró-social e de ajustamento psicológico, menores níveis de agressão e uma maior resiliência face a eventos desencadeadores de stress (Eisenberg et al., 2001; Halberstad et al., 1999 *cit. in* Parker, 2006).

Em contraste, elevados níveis de emoções negativas fortes, como a raiva, parecem associar-se a menor capacidade social, menor comportamento pró-social e menor simpatia (Eisenberg et al., 1998). Adicionalmente, a expressividade negativa-dominante também tem sido associada a maior preocupação em relação a questões de vinculação na idade adulta, baixa competência social e elevados níveis de agressão (Halberstadt et al., 1999, *cit. in* Parker, 2006). De um modo geral, existe algum suporte empírico para a ideia de que a expressividade negativa dos pais, especialmente de emoções mais intensas e dirigidas à criança, se associa ao baixo funcionamento social e a menores níveis de compreensão das emoções. Não obstante, os resultados para emoções negativas mais subtis como a ansiedade e tristeza não apresentam resultados tão expressivos, sendo que alguns autores (Hoffman, 2000 *cit. in* Eisenberg et al., 2003) sugerem que a exposição moderada a níveis apropriados de emoções negativas, poderá ajudar a criança a aprender a regulá-las. Deste modo, talvez a intensidade e cronicidade da expressão parental destas emoções possam funcionar como factores críticos na determinação do efeito destas variáveis no desenvolvimento da criança.

Em suma, a expressividade familiar geral, mais do que a expressão emocional numa situação específica envolvendo a criança, tem sido relacionada com a expressividade manifestada pela criança ao longo do desenvolvimento (Dunsmore

& Halberstadt, 1997). No entanto, escassos são os conhecimentos acerca das variáveis que predizem os comportamentos parentais de socialização das emoções. Baker e Crnic (2005) encontraram evidências que sugerem a importância da expressividade emocional da família de origem materna, na compreensão dos comportamentos maternos de socialização das emoções. Neste sentido, no seu estudo, os autores constataram que as mães que recordavam uma expressividade emocional marcadamente negativa na família de origem, apresentaram maiores dificuldades no suporte, compreensão e regulação dos estados emocionais negativos da criança (Baker & Crnic, 2005). Não obstante, os processos através dos quais a expressividade emocional da família de origem influencia as actuais práticas parentais das mães permanecem por explorar. No entanto, pressupõe-se que a expressividade emocional poderá ser influenciada pelos esquemas emocionais e pelas estratégias de regulação emocional, actuando estes como mediadores dos padrões de expressividade familiar.

1.2 Esquemas emocionais: formação e desenvolvimento

Uma parte fulcral do processo de socialização das emoções é o desenvolvimento de crenças acerca das emoções e de estratégias para as regular, ou seja dos esquemas emocionais (Leahy, 2003).

Leahy (2002) desenvolveu um modelo de esquemas emocionais, onde procura descrever o papel desempenhado pelas concepções que as pessoas têm acerca das suas emoções, bem como o papel das estratégias de processamento emocional. O conceito de esquema emocional é definido como planos, conceitos e estratégias empregues como resposta a uma determinada emoção.

O modelo de esquemas emocionais permite-nos avaliar a “teoria das emoções” do indivíduo. O autor postula que a tristeza, raiva, ansiedade e medo são emoções negativas universais, mas que a conceptualização que o indivíduo tem acerca delas é idiossincrática, pois reflecte as suas crenças individuais, associadas à duração, controlabilidade, intensidade, complexidade, patologia e qualidade moral das emoções. Importa ainda referir que as estratégias de resposta às emoções podem contribuir para a sua inibição, validação e processamento (Leahy, 2002).

Os esquemas emocionais negativos dificultam o processamento e a regulação emocional, prolongando a perturbação do indivíduo. Efectivamente, de acordo com o modelo, a perturbação surge quando o indivíduo percepção as suas emoções como incompreensíveis, diferentes das dos outros, incontroláveis, que vão durar infindavelmente, e envergonhadoras, causando um impacto negativo no eu e na relação com os outros. Por outro lado, se o indivíduo acreditar que pode expressar as suas emoções, que a sua experiência emocional é semelhante à dos

outros e não vergonhosa, estará mais disponível para expressar essas emoções e receber validação emocional, tornando-se menos vulnerável ao desenvolvimento de psicopatologia (Leahy, 2002).

446

Em suma, a literatura existente parece evidenciar que os agentes de socialização das emoções podem influenciar a expressão e regulação emocional da criança ao longo do tempo (Gottman et al., 1997). Deste modo, ainda que pareçam existir influências bidireccionais (Valiente & Eisenberg, 2006) entre características das crianças e comportamento parental, o clima emocional da família (Zhou et al, 2002), o modo como os pais reagem à expressão de emoções negativas bem como a sua filosofia de meta-emoção (Gottman et al., 1997) têm sido apontados como dimensões familiares fortemente relacionadas com a competência emocional da criança, o tipo de estratégias de coping utilizadas, qualidade de funcionamento sócio-emocional (Eisenberg et al., 2003), a sua capacidade de expressão emocional vicariante (Eisenberg et al., 1996) com sucesso académico e saúde física (Gottman et al., 1997).

Não obstante, da revisão da literatura, conclui-se que raros são os estudos que relacionam as experiências de validação e expressividade familiar na infância com índices de psicopatologia e ajustamento na vida adulta e com o modo como, enquanto adultos, os pais tendem a socializar as emoções dos seus filhos. Na verdade, as experiências adversas vividas na infância, pautadas pela escassez de cuidado/afecto e excessiva protecção/controlo e experiências precoces negativas afectam os processos de maturação psicobiológica e têm provado ser um dos factores de risco importantes para o desenvolvimento de psicopatologia na idade adulta. Efectivamente, parece que não só a existência de experiências negativas precoces, mas também a escassez de cuidado e afecto dos cuidadores primários, se encontra associada a menor ajustamento e maior vulnerabilidade para a psicopatologia (Gilbert, Cheung, Grandfield, Campey, & Irons, 2003).

Na presente investigação pretendeu-se compreender a influência da expressividade emocional da família de origem e esquemas emocionais das mães, nas suas reacções perante a expressão de emoções negativas dos seus filhos. De igual modo, pretendemos indagar a existência de um efeito transgeracional das práticas parentais de socialização de emoções, pressupondo que mães que na infância vivenciaram um ambiente de expressividade emocional negativa, tenham desenvolvido esquemas emocionais mais disfuncionais, reagindo mais negativamente perante a expressão de emoções negativas dos seus filhos. Espera-se, ainda, que os esquemas emocionais funcionem como variáveis mediadoras da relação entre o ambiente de expressividade emocional na família de origem e as reacções maternas à expressão emocional negativa das crianças.

2. Metodologia

2.1. Descrição da Amostra

Com vista a atingir os objectivos supracitados, conceptualizou-se um estudo transversal e transgeracional que avaliasse uma amostra da população geral, constituída por mães de crianças dos 8 aos 12 anos de idade do distrito de Coimbra. Os critérios de exclusão dos participantes foram os seguintes: (a) mães cujas habilitações literárias fossem inferiores ao 4º ano de escolaridade ou que tivessem dificuldades que comprometessem a leitura e compreensão dos itens que constituíam as escalas, (b) preenchimento incompleto das escalas.

Quadro 1 – Características gerais da amostra (N= 172)

		N	%	M	DP	
Mães	Idade	29-33	15	8.7		
		34-38	47	27.4		
		39-43	79	46.0	39.83	4.58
		44-48	25	14.5		
		49-53	6	3.6		
	Anos de Escolaridade	4-6	23	13.4		
		7-9	13	7.6		
		10-12	44	25.6		
		13-15	5	2.9	13.33	4.38
		16-18	82	47.7		
		19-21	4	2.3		
		22-24	1	0.6		
	Estado Civil	Solteira	5	2.9		
		Casada	141	82.0		
		Divorciada	18	10.5		
		Viúva	5	2.9		
		União de Facto	3	1.7		
	Nível Socio-económico	Baixo	43	25.0		
		Médio	106	61.6		
Alto		23	13.4			

Em relação à amostra final de mães, esta ficou constituída por 172 mães, com idades compreendidas entre os 29 e os 52 anos de idade ($M = 39.83$; $DP = 4.58$). No que respeita à distribuição por idades, mais de metade das mães (72,8%) têm idades compreendidas entre os 36 e os 44 anos de idade. Relativamente ao número de anos de escolaridade, as mães distribuem-se entre 4 e 23 anos de frequência académica ($M = 13.33$; $DP = 4.38$, sendo que 47.7% das mães têm entre 16 a 18 anos de escolaridade. No que concerne ao estado civil, 82% da amostra total encontra-se casada. O estatuto socioeconómico médio corresponde a 61.6% da amostra total, seguido do estatuto socioeconómico baixo, constituindo 25% da amostra.

2.2 Procedimentos

As mães foram contactadas através das escolas para participarem no estudo (1º Jardim-Escola João de Deus, Instituto de Almalaguês, Colégio de São José, Instituto Educativo de Lordemão, Agrupamento de Escolas da Lousã e Agrupamento de Escolas de Miranda do Corvo). Às que aceitaram colaborar na investigação, foi enviado o respectivo protocolo num envelope, precedido de uma folha de rosto com uma breve explicação dos objectivos do estudo e algumas questões sobre as características sócio-demográficas, salvaguardando o carácter anónimo e a confidencialidade dos dados. Os protocolos foram devolvidos à escola num envelope fechado.

2.3 Instrumentos

Cada participante completou a bateria de instrumentos que incluía diversos questionários de auto-resposta. Neste estudo incluíram-se o Family Expressivity Questionnaire (FEQ; Halberstadt, 1986; Tradução e Adaptação: Dinis, Pinto-Gouveia, & Xavier, no prelo), o Leahy Emotional Schema Scale- Modificado (LESS, Leahy, 2002, Tradução e Adaptação: Pinto-Gouveia, & Dinis, 2008 manuscrito não publicado) e a Versão reduzida do Coping with Children's Negative Emotions Scale (CCNE, Fabes, Eisenberg, & Bernzweig, 1990; Tradução e Adaptação: Melo, 2005).

Family Expressivity Questionnaire (FEQ, Halberstadt, 1986; Tradução e Adaptação: Dinis, Pinto-Gouveia, & Xavier, no prelo). Este questionário procura avaliar o grau de expressividade presente em diferentes famílias. Para isso, apresentam-se 40 afirmações (itens) através das quais se pretende obter informação sobre a frequência com que são expressas emoções nas famílias. Este questionário implica que o sujeito se reporte à sua infância e adolescência, apontando a frequência com que as situações descritas ocorreram comparativamente com outras famílias. As respostas são dadas numa escala, em que 1 corresponde a “*nada frequente*

na minha família” e 9 a “muito frequente na minha família”. A escala original apresenta quatro subescalas, cada uma com 10 itens e composta por duas dimensões afectivas (positiva/negativa) que se cruzam com duas dimensões de poder (dominante/submissa) da seguinte forma: positiva-dominante; positiva-submissa; negativa-dominante; e negativa-submissa (Halberstadt, 1986). No seu estudo, a autora encontrou os seguintes valores de consistência interna: .87 na subescala positiva-dominante, .88 na positiva-submissa, .88 na negativa-dominante, e .75 na negativa-submissa (Halberstadt, 1986).

Na versão portuguesa do FEQ (Dinis et al., no prelo), foram apenas utilizadas duas dimensões, uma de expressividade positiva ($\alpha_{\text{Cronbach}} = .94$), incluindo ambas as dimensões (dominante e submissa) e outra de expressividade negativa ($\alpha_{\text{Cronbach}} = .88$) composta pelas duas dimensões (dominante e submissa), sendo que a escala apresentou uma boa validade, convergente, divergente e discriminante. No presente estudo as duas dimensões do FEQ apresentaram valores de consistência interna semelhantes aos do estudo de aferição, nomeadamente: .93 para a dimensão de expressividade positiva e .88 para a expressividade negativa.

Leahy Emotional Schema Scale- Modificado (LESS, Leahy, 2002, LESS-M Pinto-Gouveia & Dinis, 2008 manuscrito não publicado). Para este estudo foi utilizada uma versão portuguesa modificada do LESS, com 57 itens, formada a partir da versão original constituída por 3 factores: 1) não aceitação/ incompreensibilidade ($\alpha_{\text{Cronbach}} = .91$), composto pelos itens que reflectem a visão catastrófica das emoções negativas enquanto intoleráveis, vergonhosas, inaceitáveis, confusas sem sentido, sendo necessário suprimi-las, uma vez que não são passíveis de serem aceites pelos outros; 2) descontrolo, consiste na dimensão composta por itens que se referem às crenças de que as emoções negativas não têm valor, são perigosas e incontroláveis, pelo que o sujeito deverá controlá-las para obter um funcionamento adequado ($\alpha_{\text{Cronbach}} = .82$); 3) invalidação emocional compreende as crenças que espelham a existência de uma audiência suportiva e empática com a qual o sujeito possa expressar ou partilhar as suas emoções, ou seja, há uma visão de que os outros normalizam, aceitam ou apoiam a vivência e a expressão emocional. Todos os itens desta dimensão são cotados de modo invertido, de modo a permitir a obtenção de uma medida de invalidação ($\alpha_{\text{Cronbach}} = .83$).

No presente estudo, a totalidade do LESS-Modificado revela uma consistência interna de .92. No que concerne às subescalas descontrolo, não aceitação, invalidação emocional, os valores de *alpha de Cronbach* alcançados são, respectivamente: .86; .72; .75

Coping with Children’s Negative Emotions Scale (CCNE, Fabes, Eisenberg, & Bernzweig, 1990; Tradução e Adaptação: Melo, 2005). Esta escala de auto-relato

procura avaliar o modo como os pais reagem à expressão de emoções negativas dos filhos em situações perturbadoras. A versão original contém doze situações, contudo para o nosso estudo utilizámos a versão portuguesa que contém oito das originais doze situações do quotidiano que tendem a gerar emoções negativas nas crianças. Para cada situação os pais devem assinalar a probabilidade de responderem de forma semelhante a todas as afirmações apresentadas, numa escala de Lickert de 1 (“*muito pouco provável*”) a 7 pontos (“*muito provável*”). As situações apresentadas avaliam as respostas parentais a emoções negativas de raiva/frustração, tristeza, ansiedade, medo, humilhação e vergonha.

Esta escala é composta por seis sub-escalas de reacções parentais às emoções negativas das crianças, nomeadamente, reacções centradas no problema; centradas nas emoções; encorajamento expressivo; minimização; punitivas; perturbadas. Segundo Fabes e colaboradores (2001), o instrumento original revelou índices de fiabilidade adequados, apresentando cada sub-escala os seguintes alphas de Cronbach: Reacções Centradas no Problema= .78; Reacções Centradas nas Emoções= .80; Reacções de Encorajamento Expressivo= .85; Reacções de Minimização = .78; Reacções Punitivas= .69; Reacções Perturbadas= .70.

Para o presente estudo foi utilizada a versão reduzida e traduzida por Melo (2004), onde foram removidos três itens (itens 5c “fico calmo para não ficar eu nervoso” 7c “digo-lhe para se portar direito ou vamos de imediato para casa” e 7f “encorajo-a a falar acerca de como magoa ser gozado”) uma vez que apresentavam uma correlação item total negativa e baixavam consideravelmente a consistência interna da escala. No seu estudo, a autora encontrou consistências internas semelhantes à da escala original: Reacções Centradas no Problema= .73; Reacções Centradas nas Emoções= .75; Reacções de Encorajamento Expressivo= .73; Reacções de Minimização= .74; Reacções Punitivas= .66; Reacções Perturbadas = .60. Posteriormente num outro estudo com 232 progenitores (mães e pais) de 124 crianças, a autora agrupou as subescalas em dois factores: um de reacções negativas e um de reacções construtivas, obtendo valores de consistência interna de .88 e .94 respectivamente.

No nosso estudo, a escala global apresentou um *alpha de Cronbach* de .80. À semelhança do verificado noutros estudos (Melo, 2005; Perlman et al., 2008) optámos por uma divisão em dois factores: reacções maternas negativas e reacções construtivas, uma vez que pretendíamos apenas um índice global de reacções negativas e um de reacções positivas. Deste modo, o factor reacções negativas ($\alpha_{\text{Cronbach}} = .83$) engloba os itens correspondentes às subescalas reacções punitivas, reacções perturbadoras e reacções de minimização, enquanto que o factor reacções construtivas ($\alpha_{\text{Cronbach}} = .86$) compreende as reacções centradas no problema, reacções centradas nas emoções e encorajamento expressivo.

3. Resultados

O presente estudo focou-se na avaliação da relação entre a expressividade emocional da família de origem, os esquemas emocionais e as reacções maternas face à expressão de emoções negativas das crianças. Assim, o ambiente de expressividade emocional da família de origem, avaliado pelo FEQ (positivo e negativo) constitui-se como variável preditora. As variáveis dependentes foram as reacções maternas negativas e construtivas à expressão de emoções negativas das crianças avaliadas pelo CCNE. Os esquemas emocionais (não aceitação, descontrolo e invalidação) avaliados pelo LESS-Modificado foram hipotetizados como potenciais mediadores da relação entre as variáveis acima indicadas. As correlações produto-momento de Pearson foram realizadas de modo a averiguar as relações entre as variáveis em estudo. Seguidamente, com as análises de regressão linear (método *enter*) pretendeu-se testar os efeitos mediadores em cada variável dependente em estudo, baseando-nos nos procedimentos recomendados por Baron e Kenny (1986).

3.1 Análise Descritiva

No Quadro 2 encontram-se as médias e desvio padrão das variáveis em estudo (preditoras, mediadores e critério).

Quadro 2. Médias e desvio padrão dos preditores, mediadores e variáveis critério em estudo

	M	DP	Intervalo
Variáveis Preditoras			
FEQ Positivo	6.86	1.43	2.06 – 9
FEQ Negativo	3.50	1.35	1 – 8.77
Variáveis Mediadoras			
LESS Descontrolo	2.46	0.93	1 – 5.67
LESS Não Aceitação	3.08	0.86	1 – 5.44
LESS Invalidação Emocional	2.23	0.72	1.11 – 4.33
Variáveis Critério			
CCNE Reacções Negativas	2.90	0.78	1.09 – 5
CCNE Reacções Construtivas	5.35	0.76	2.96 – 6.91

3.2 Relação entre a expressividade emocional na família de origem, esquemas emocionais e reacções maternas à expressão das emoções negativas das crianças

As correlações entre a expressividade emocional positiva e negativa da família de origem, os esquemas emocionais de descontrolo, não aceitação e invalidação emocional e as reacções negativas e construtivas das mães perante a expressão de emoções negativas das suas crianças, encontram-se no Quadro 3.

As análises evidenciam que a dimensão positiva da expressividade emocional se encontra correlacionada negativamente com as reacções maternas negativas ($r = -.22, p = .004$), e positivamente com as reacções construtivas das mães ($r = .37; p < .001$). Em relação à dimensão negativa da expressividade emocional, esta apenas apresenta correlação estatisticamente significativa com as reacções negativas das mães ($r = .30; p < .001$), mas não com as construtivas.

Deste modo, os resultados, parecem sugerir que um ambiente familiar pautado pela expressão emocional positiva se relaciona com a presença de mais reacções construtivas e menos reacções negativas por parte das mães, enquanto a expressividade negativa se associa a reacções negativas perante a expressão de emoções negativas das crianças.

Relativamente às dimensões dos esquemas emocionais, podemos verificar que todas se correlacionam positivamente e de modo estatisticamente significativo com as reacções negativas maternas à expressão das emoções negativas das crianças, com correlações de $r = .36$ ($p < .001$) para o factor invalidação, $r = .410$ ($p < .001$) para o descontrolo e $r = .471$ ($p < .001$), no factor não aceitação.

As reacções maternas construtivas apenas se correlacionam, negativamente e de modo significativo, com a dimensão invalidação do LESS-Modificado ($r = -.28, p < .001$). Neste sentido, os resultados evidenciam a relação entre os esquemas emocionais e as reacções negativas das mães face à expressão das emoções negativas dos filhos. Por outro lado, as reacções construtivas encontram-se relacionadas com a existência de menos crenças acerca da invalidação das emoções.

Relativamente às relações entre o ambiente de expressividade emocional e os esquemas emocionais verificamos que um ambiente de elevada expressividade emocional negativa na família de origem se relaciona significativamente com a existência de crenças disfuncionais acerca das emoções (descontrolo, não aceitação e invalidação emocional) com correlações positivas de $r = .44$ ($p < .001$), $r = .33$ ($p < .001$) e $r = .23$ ($p < .003$) respectivamente. Por outro lado, a expressividade familiar positiva apenas se relaciona de modo estatisticamente significativo com as crenças de invalidação emocional, expressando uma correlação negativa ($r = -.30, p < .001$).

Quadro 3. Correlações entre expressividade emocional, esquemas emocionais e reacções maternas às emoções negativas

	1	2	3	4	5	6	7
1.FEQ Positivo	-	-	-	-	-	-	-
2.FEQ Negativo	-.21**	-	-	-	-	-	-
3.LESS Descontrolo	-.15	.44***	-	-	-	-	-
4.LESS Não aceitação	-.13	.32***	.75***	-	-	-	-
5.LESS Invalidação emocional	-.30***	.23**	.41***	.33***	-	-	-
6.CCNE Reacções Negativas	-.22**	.30***	.41***	.47***	.32***	-	-
7.CCNE Reacções Construtivas	.37***	-.08	.04	.02	-.28***	-.11	-

*** p < .001; ** p < .01; * p < .05

3.3. O efeito mediador dos esquemas emocionais na relação entre expressividade emocional na família de origem e reacções maternas à expressão de emoções negativas

As análises realizadas para testar o efeito mediador dos esquemas emocionais (descontrolo, não aceitação e invalidação emocional) seguiram as indicações do modelo de regressão linear sugerido por Baron e Kenny (1986). De acordo com os autores, existe um efeito mediador quando se cumprem as seguintes condições: (1) as variáveis predictoras (expressividade emocional positiva e negativa) predizem significativamente as variáveis dependentes (reacções maternas negativas e construtivas); (2) as variáveis predictoras predizem os mediadores (esquemas emocionais de descontrolo, não aceitação e invalidação emocional); e (3) a expressividade emocional positiva e negativa (VI's) e os esquemas emocionais (mediadores) explicam as reacções negativas e construtivas das mães (VD's). Finalmente, o último passo da mediação implica a demonstração de uma redução significativa do poder explicativo da expressividade emocional nas reacções maternas (negativas e construtivas) quando se introduz a variância atribuída ao mediador.

Para que exista mediação total, a relação estatisticamente significativa prévia entre a VI e a VD deverá deixar de ser estatisticamente significativa, quando é introduzida a variável mediadora na equação. Por outro lado, o efeito de mediação é parcial quando existe uma redução do poder explicativo da variável predictor na variável critério quando se introduz o mediador no modelo da equação.

Expressividade emocional positiva na família de origem

3.3.1. Estudo mediador do esquema de invalidação emocional na relação entre expressividade emocional familiar positiva e reacções maternas negativas à expressão de emoções negativas da criança

454

Primeiramente pretendemos indagar através de uma análise de regressão linear, se a expressividade familiar positiva (VI) explica as reacções maternas negativas (VD). Deste modo, verificou-se que a VI explica 4,9% da variância das reacções maternas negativas ($\beta = -.22$; $p = .004$). Seguidamente, verificámos se a variável preditora explicava o esquema emocional de invalidação emocional (mediador). Efectivamente, a expressividade emocional positiva explica 8,7% da variância do esquema de invalidação emocional ($\beta = -.30$; $p < .001$). De igual modo, pretendeu-se constatar se o potencial mediador prediz as reacções maternas negativas, o que se verificou, explicando 9,9% da variância da variável critério ($\beta = .32$; $p < .001$).

O modelo da equação final revelou-se significativo, explicando 12% da variância da variável critério. Estes resultados indicam que quando se introduz o mediador, a expressividade emocional familiar positiva deixa de ser significativa no modelo da equação ($\beta = -.14$; $p = .067$), verificando-se um efeito mediador total. Deste modo, podemos afirmar que o efeito da expressividade emocional positiva da família de origem na variável critério é totalmente explicado pela existência de crenças de invalidação emocional ($\beta = -.27$, $p < .001$). Assim, a ausência de um ambiente familiar de expressividade emocional positiva conduz ao desenvolvimento de crenças de que as emoções não serão validadas emocionalmente pelos outros, o que explica que perante a expressão emocional negativa dos filhos, estas mães reajam negativamente.

Quadro 4. Efeito mediador da invalidação emocional na relação entre a expressividade emocional familiar positiva e as reacções negativas às emoções negativas da criança (VD)

VI	B	β	t	R	R ²	F change	p
FEQ positivo	-.12	-.22	-2.95**				
				.34	.11	5.53	.004
FEQ positivo	-.15	-.30	-4.03***				
				.30	.09	16.25	.000
LESS invalidação	.34	.32	4.33***				
				.32	.10	18.73	.000
FEQ positivo/ LESS invalidação	-.08	-.14	-1.85				
	.30	.27	3.62***				
				.34	.12	11.20	.000

***p < .001; **p < .01; *p < .05

3.3.2. O efeito mediador do esquema de invalidação emocional na relação entre a expressividade emocional familiar positiva e reacções maternas construtivas à expressão de emoções negativas da criança

De igual modo, foi efectuada uma análise de regressão linear, em que a expressividade familiar positiva se constituiu como VI e as reacções maternas construtivas como variável critério, verificando-se que a expressividade emocional familiar positiva explica 14% da variância das reacções maternas construtivas ($\beta = .37$; $p < .001$). A análise seguinte pretende averiguar se a variável preditora explicava o esquema de invalidação emocional (mediador). Efectivamente, a expressividade emocional positiva explica 9% da variância do referido esquema emocional ($\beta = -.30$; $p < .001$). Por fim, pretendeu-se constatar se o potencial mediador prediz as reacções maternas construtivas, o que se verificou, explicando 8% da variância da variável critério ($\beta = -.278$; $p < .001$).

No modelo da equação final verificou-se que existem efeitos independentes da expressividade emocional positiva na família de origem e das crenças de invalidação emocional, uma vez que ambas as variáveis se revelam significativas, explicando 16,8% da variância da variável critério. Neste sentido, podemos afirmar que ter na infância um ambiente familiar de expressividade emocional positiva constituiu-se como o melhor preditor ($\beta = .32$; $p < .001$) das reacções construtivas das mães à expressão de emoções negativas das crianças.

Quadro 5. Efeito mediador da invalidação emocional na relação entre a expressividade emocional familiar positiva e as reacções construtivas às emoções negativas da criança (VD)

VI	B	β	t	R	R ²	F change	p
FEQ positivo	.20	.37	5.20***				
				.37	.14	27.07	.000
FEQ positivo	-.15	-.30	-4.03***				
				.30	.09	16.25	.000
LESS invalidação	-.30	-.28	3.77***				
				.28	.08	14.20	.000
FEQ positivo/ LESS invalidação	.17	.32	4.31***				
	-.20	-.18	-2.51*				
				.41	.17	17.11	.000

***p < .001; **p < .01; *p < .05

3.3.3. O efeito mediador dos esquemas emocionais na relação entre expressividade emocional familiar negativa e reacções maternas negativas à expressão de emoções negativas da criança

Os seguintes estudos pretendem indagar o potencial efeito mediador dos esquemas emocionais (descontrolo, não aceitação e invalidação emocional) na relação entre o ambiente de expressividade emocional negativa da família de origem e as reacções maternas negativas à expressão de emoções negativas das crianças.

Inicialmente verificámos se a variável preditora explica a variável critério, facto que se revelou significativo, sendo que expressividade emocional negativa na família explica 9% da variância da VD ($\beta = .30; p < .001$). Constatamos, deste modo, que ter um ambiente familiar em que a expressão das emoções é predominantemente negativa prediz, na adultez, as reacções negativas das mães perante a expressão de emoções negativas dos seus filhos (cf. Quadro 6).

Em seguida, foram realizadas análises de regressão linear para cada um dos mediadores de modo independente.

No que concerne ao esquema emocional de descontrolo (cf. Quadro 6), verificámos que este é explicado pela variável preditora em 19% ($\beta = .436; p < .001$). Por outro lado, o descontrolo explica 17% da variância da VD ($\beta = .410; p < .001$). Por fim, no modelo final da equação, em que a expressividade emocional negativa e o esquema emocional de descontrolo foram introduzidas como variáveis independentes, o referido modelo revelou-se estatisticamente significativo, explicando 19% da variância das reacções maternas negativas, obtendo-se um efeito mediador total, uma vez que a expressividade emocional deixou de ser significativa ($\beta = .15; p > .057$). Assim, podemos considerar que a expressividade emocional familiar negativa tem um efeito indirecto nas reacções negativas maternas através do desenvolvimento de crenças disfuncionais maternas acerca da impossibilidade de controlar as emoções. Neste sentido, mães que durante a sua infância foram expostas a ambientes familiares marcadamente negativos, tendem a desenvolver crenças relativas à incontrolabilidade das emoções, demonstrando práticas parentais mais negativas perante a expressão de emoções negativas dos seus filhos.

Quadro 6. Efeito mediador do descontrolo na relação entre a expressividade emocional familiar negativa e as reacções negativas às emoções negativas da criança (VD)

VI	<i>B</i>	β	<i>t</i>	<i>R</i>	<i>R</i> ²	<i>F change</i>	<i>p</i>
FEQ negativo	.17	.30	4.08***				
				.30	.09	16.63	.000
FEQ negativo	.30	.44	6.32***				
				.44	.19	39.93	.000
LESS descontrolo	.34	.41	5.85***				
				.41	.17	34.26	.000
FEQ negativo/ LESS descontrolo	.09	.15	1.92				
	.29	.35	4.47***				
				.43	.19	19.24	.000

****p* < .001; ***p* < .01; **p* < .05

Hipotetizámos, igualmente, que o esquema emocional de não aceitação das emoções funcionasse como mediador da relação entre a expressividade emocional negativa da família de origem e as reacções maternas negativas (c.f. Quadro 7). Após a verificação de que a variável preditora explica a variável critério, averiguámos se a variável independente explica o potencial mediador (esquema emocional de não aceitação). O modelo foi significativo, sendo que a variável preditora explica 10% da variância do potencial mediador ($\beta = .32, p < .001$). Por seu lado, a variável mediadora também se revelou significativa na explicação da variável critério ($\beta = .47, p < .001$), explicando 22% da variância da mesma.

O modelo final de regressão explicou 25% da variância das respostas negativas das mães. Contudo, não se verificou um efeito mediador total, mas sim apenas parcial, uma vez que o valor da variável preditora embora apresentasse uma redução ($\beta = .16, p = .022$) ainda se manteve significativo no modelo de equação. Podemos concluir que a variável preditora tem um efeito directo e indirecto (através dos seus efeitos no desenvolvimento de crenças maternas de não aceitação das emoções) nas reacções maternas negativas perante a expressão emocional negativa das crianças.

Quadro 7. Efeito mediador da não aceitação na relação entre a expressividade emocional familiar negativa e as reacções negativas às emoções negativas da criança (VD)

VI	<i>B</i>	β	<i>t</i>	<i>R</i>	<i>R</i> ²	<i>F change</i>	<i>p</i>
FEQnegativo	.17	.30	4.08***				
				.30	.09	16.63	.000
FEQnegativo	.21	.32	4.44***				
				.32	.10	19.74	.000
LESSnão aceitação	.43	.47	6.96***				
				.47	.22	48.45	.000
FEQnegativo/ LESSnão aceitação	.10	.16	2.32*				
	.38	.42	5.93***				
				.50	.25	27.54	.000

****p* < .001; ***p* < .01; **p* < .05

Pretendemos ainda averiguar a existência de um efeito mediador do esquema de invalidação emocional na relação entre a expressividade emocional negativa da família e as reacções negativas das mães face à expressão das emoções negativas das crianças. Deste modo, foi necessário verificar se a variável preditora explica significativamente o potencial mediador (cf. Quadro 8). A análise revelou-se significativa com a variável preditora a explicar 5% da variância do mediador ($\beta = .23, p = .003$). Do mesmo modo, a variável mediadora revelou-se explicativa de 10% da variância das reacções negativas das mães face à expressão de emoções negativas das crianças ($\beta = .32, p < .001$).

Finalmente, no modelo final de equação em que a expressividade emocional negativa e o esquema de invalidação emocional foram introduzidos como variáveis independentes verificámos que explicam 15% da variância da variável critério. Contudo, não se verificou a mediação, existindo efeitos independentes destas variáveis. Assim, podemos concluir que quer a expressividade emocional negativa da família de origem quer as crenças paternas de que as emoções não serão alvo de validação emocional pelos outros apresentam efeitos directos nas reacções negativas que estas mães apresentam perante a expressão de emoções negativas dos seus filhos.

Quadro 8. Efeito mediador do esquema de invalidação na relação entre a expressividade emocional familiar negativa e as reacções negativas às emoções negativas da criança (VD)

VI	B	β	t	R	R ²	F change	p
FEQ negativo	.17	.30	4.08***				
				.30	.09	16.63	.000
FEQ negativo	.12	.23	3.06**				
				.23	.05	9.35	.003
LESS invalidação	.34	.32	4.33***				
				.32	.10	18.73	.000
FEQ negativo/ LESS invalidação	.14	.24	3.29***				
	.28	.26	3.58***				
				.39	.15	15.31	.000

***p < .001; **p < .01; *p < .05

4. Discussão

Com este trabalho foi nosso intuito dar um contributo para a compreensão do papel da expressividade emocional da família de origem e dos esquemas emocionais na transgeracionalidade das práticas parentais no processo de socialização das emoções. Neste sentido, procurou-se estabelecer relações entre a expressividade emocional nas famílias de origem maternas e o modo como estas mães, na idade adulta, promovem

a socialização das emoções negativas das crianças, ao reagir à expressão das suas emoções negativas, uma vez que estas práticas têm sido associadas a dificuldades no desenvolvimento sócio-emocional das crianças (Eisenberg et al., 1998).

Dos resultados obtidos sobressaem evidências de que a existência na infância de um ambiente marcadamente negativo e hostil se associa a reacções negativas à expressão de emoções negativas dos seus filhos, tal como evidenciado na literatura (Baker & Crnic, 2005). Por outro lado, a tendência materna para reagir de modo construtivo às emoções negativas das crianças associou-se a ambientes familiares de expressividade emocional positiva.

No que concerne aos esquemas emocionais verificou-se que as mães com crenças mais disfuncionais acerca das emoções, isto é, que acreditam que as emoções são inaceitáveis, incontroláveis e não são objecto de validação emocional tendem a reagir mais negativamente perante a expressão de emoções negativas dos seus filhos.

Procurámos estudar o efeito mediador dos esquemas emocionais (descontrolo, não aceitação e invalidação emocional) na relação entre a expressividade emocional positiva na família de origem e as reacções maternas face à expressão das emoções negativas da criança. Os resultados evidenciam que, perante a ausência, na infância, de um contexto familiar pautado pelo suporte e validação emocional, as reacções maternas, na idade adulta, à expressão emocional negativa das crianças são totalmente mediadas pelo desenvolvimento de crenças disfuncionais de invalidação emocional. Deste modo, a vivência, na infância, em ambientes familiares de expressividade negativa, conduz ao desenvolvimento de crenças mais negativas e disfuncionais relativas às emoções, tornando estas mães menos capazes de compreender, apoiar e elaborar as emoções dos seus filhos, não validando nem permitindo a sua expressão emocional.

Por outro lado, tornou-se evidente que mães que na infância vivenciaram um ambiente marcadamente positivo em termos emocionais, respondem de modo mais construtivo às emoções negativas dos seus filhos. Neste sentido, o ambiente de expressividade emocional constituiu-se como factor protector crucial, promovendo reacções mais construtivas das mães perante a expressão de emoções negativas, sugerindo que estas mães acreditam que as suas emoções serão validadas emocionalmente pelos outros, sendo capazes de prestar auxílio às suas crianças na compreensão, aceitação e expressão das suas vivências emocionais. Efectivamente, este resultado é consistente com outras investigações que têm demonstrado que um ambiente familiar de expressividade emocional mais positivo se associa à capacidade para nomear e conhecer emoções (Halberstadt et al., 1999, *cit.* in Eisenberg et al., 2001).

Por oposição os resultados da existência de um ambiente de expressividade emocional negativo na infância e de crenças emocionais mais disfuncionais associaram-se a prática parentais mais negativas, demonstrando a transgeracionalidade do processo de socialização de emoções. Assim, mães submetidas, na infância, a ambientes de crítica, inibição e invalidação emocional, evidenciam reacções mais negativas perante a expressão emocional negativa das suas crianças.

Foi também nosso intuito verificar potenciais efeitos de mediação dos esquemas emocionais na relação entre o ambiente emocionalmente negativo da família de origem e as reacções negativas das mães à expressão emocional das crianças. Assim, verificou-se que a existência de um ambiente de expressividade emocional familiar predominantemente negativo conduz ao desenvolvimento de crenças disfuncionais acerca da incontrolabilidade das emoções, o que explica que, na adultez, as mães reajam negativamente quando as suas crianças expressam emoções negativas. Este resultado indica que o ambiente familiar emocional negativo e hostil parece não ser a causa directa na adopção de reacções negativas das mães perante a expressão de emoções negativas das suas crianças. Contudo, a exposição a um ambiente de expressividade tão hostil apresenta efeitos indirectos, uma vez que potencia o desenvolvimento de esquemas emocionais mais disfuncionais acerca relativos à emocionalidade, expressividade emocional e ao mundo (Dunsmore & Halberstad, 1997).

Em relação às crenças de não aceitação das emoções, estas revelaram um efeito de mediação parcial, evidenciando que as mães que na sua infância experienciaram ambientes familiares de expressão emocional negativa, apresentam na adultez reacções negativas perante a expressão de emoções negativas das suas crianças, perpetuando práticas parentais de invalidação e não aceitação das emoções.

Por fim, as crenças de invalidação emocional não revelaram efeito mediador na relação entre o ambiente emocional familiar e a adopção de reacções maternas mais negativas perante a expressão de emoções negativas das crianças, verificando-se que ambas as variáveis têm um efeito directo nas reacções maternas negativas.

Em síntese, os resultados desta investigação revelam o efeito transgeracional, mostrando que a vivência, na infância, num ambiente de hostilidade propicia a formação de crenças disfuncionais acerca da incontrolabilidade, não aceitação e invalidação das experiências emocionais das mães contribuindo para a adopção, na adultez, de reacções negativas de não aceitação, desvalorização, crítica e punição perante a expressão de emoções negativas das suas crianças.

Não obstante os resultados encontrados, esta investigação encerra em si algumas limitações. Deste modo, torna-se fundamental referir a inexistência de uma

escala de desejabilidade social, uma vez que não controlando este factor os dados recolhidos podem estar contaminados, o que poderia explicar, pelo menos parcialmente, os resultados mais inesperados. Por outro lado, é de referir que não foi utilizada uma escala de temperamento da criança, pelo que é possível que, em parte, as respostas de algumas mães perante a expressão emocional das suas crianças se relacionem com o temperamento mais difícil da criança e não tanto com as suas crenças relativas à expressão das emoções. Do mesmo modo, teria sido interessante avaliar a personalidade das mães em estudo, uma vez que tem sido sugerido o seu papel crucial no modo como estas socializam as emoções das crianças. Por fim, a investigação tem-se focado na compreensão das reacções parentais a emoções negativas, negligenciando a importância das reacções às emoções positivas face à (in)adaptação da criança.

Em suma, e na nossa perspectiva, esta investigação é pioneira ao evidenciar a existência de um efeito transgeracional nas práticas de socialização das emoções, em que mães que na infância vivenciaram ambientes familiares particularmente hostis, desenvolveram crenças negativas em relação às emoções, o que se repercute nas suas tentativas de socialização das emoções para com as suas crianças. Pressupõe-se, de acordo com a literatura existente, que estas práticas parentais disfuncionais se reflectam em piores resultados desenvolvimentais para a criança, uma vez que esta aprende que as emoções não têm valor, são inaceitáveis, perigosas e diferentes das dos outros e que, por isso, devem ser inibidas, desvalorizadas e suprimidas, aumentando as suas dificuldades na identificação, expressão e regulação emocional.

Os resultados obtidos traduzem implicações de crucial importância para a prática clínica, chamando a atenção para a necessidade de elaboração de programas que promovam nos cuidadores uma melhor compreensão e expressão emocional, uso de estratégias mais eficazes de regulação emocional e recurso à validação emocional, de modo a se tornarem verdadeiros “treinadores de emoções”, criando crianças emocionalmente mais competentes, mais conhecedoras, capazes e aceitantes das diferentes emoções humanas. Este aspecto é particularmente relevante, pela constatação de que um desenvolvimento emocional pobre se constitui como factor de risco fundamental para a inadaptação psicológica e social do individuo.

Referências Bibliográficas

- Baker, J.K., & Crnic, K.A. (2005). The relation between mother's reports of family-of-origin expressiveness and their emotion-related parenting. *Parenting: Science and Practice*, 5(4), 333-346.
- Baron, R.M., & Kenny, D.A. (1986). The moderator-mediator variable distinction in social psychological research: Conceptual, strategic, and statistical considerations. *Journal of Personality and Social Psychology*, 51, 1173-1182.
- Darling, N., & Steinberg, L. (1993). Parenting styles as context: Na integrative model. *Psychological Bulletin*, 113, 487-496.
- Denham, S. A., Mitchell-Copeland, J., Strandberg, K., Auerbach, S., & Blair, K. (1997). Parental contributions to preschoolers' emotional competence: Direct and indirect effects. *Motivation & Emotion*, 21 (1), 65-86.
- Dinis, A., Pinto Gouveia, J., & Xavier, A., (no prelo). Family Expressivity Questionnaire. Disponível com os autores. Coimbra: FPCE/ Universidade de Coimbra
- Dunsmore, J.C., & Halberstadt, A.G. (1997). How does family emotional expressiveness affect children's schemas. *New Directions for Child Development*, 77, 45-68.
- Eisenberg, N., Cumberland, A., & Spinrad, T. L. (1998). Parental socialization of emotion. *Psychological Inquiry*, 9(4), 241-273.
- Eisenberg, N., Fabes, R.A., Murphy, B.C. (1996). Parents' reactions to children's negative emotions: Relations to children's social competence and comforting behavior. *Child Development*, 67, 2227-2247.
- Eisenberg, N., Fabes, R.A., Shepard, S.A., Guthrie, I.K., Murphy, B.C., & Reiser, M. (1999). Parental reactions to children's negative emotions: Longitudinal relations to quality of children's social functioning. *Child Development*, 70, 513-534.
- Eisenberg, N., Gershoff, E.T., Fabes, R. A., Shepard, S.A., Cumberland, A. J., Losoya, S.H., ...Murphy, B.C. (2001). Mothers' emotional expressivity and children's behavior problems and social competence: Mediation through children's regulation. *Developmental Psychology*, 37(4), 475-490. doi:10.1037/0012-1649.37.4.475.
- Eisenberg, N., Valiente, C., Morris, A.S., Fabes, R.A., Cumberland, A.J., Reiser, M., ...Losoya, S.H. (2003). Longitudinal relations among parental emotion expressivity, children's regulation, and quality of socioemotional functioning. *Developmental Psychology*, 39(1), 3-19. doi: 10.1037/0012-1649.39.1.3
- Fabes, R.A., Eisenberg, N., & Bernzweig, J. (1990). *The coping with children's negative emotions scale: Procedures and scoring*. Available from authors. Arizona State University.
- Fabes, R. A., Leonard, S. A., Kupanoff, K., & Martin, C. L. (2001). Parental coping with children's negative emotions: Relations with children's emotional and social responding. *Child Development*, 72(3), 907-920.
- Gilbert, P., Cheung, M.S.P., Grandfield, T., Campey, F., & Irons, C. (2003). Recall of threats and submissiveness in childhood: Development of a new scale and its relationship with depression, social comparison and shame. *Clinical Psychology and Psychotherapy*, 10, 108-115. doi: 10.1002/cpp.359
- Gottman, J. M., Katz, L. F., & Hooven, C. (1996). Parental Meta-Emotion Philosophy, and the Emotional Life of Families: Theoretical Models and Preliminary Data. *Journal of Family Psychology*, 10(3), 243-268.
- Gottman, J.M., Katz, L.F., & Hooven, C. (1997). *Meta-Emotion: How Families Communicate Emotionally*. Mahwah, New Jersey: Lawrence Erlbaum Associates, Publishers.

- Halberstadt, A. G. (1986). Family socialization of emotional expression and nonverbal communication styles and skills. *Journal of Personality and Social Psychology*, 51(4), 827-836.
- Leahy, R.L. (2002). A Model of Emotional Schemas. *Cognitive and Behavioral Practice*, 9, 177-191.
- Leahy, R.L. (2003). Emotional Schemas and Resistance. In R.L. Leahy (Ed.). *Roadblocks in Cognitive-Behavioral Therapy: Transforming Challenges into Opportunities for Change* (pp. 91-115). New York: The Guilford Press.
- Melo, A. (2005). *Emoções no período escolar: Estratégias parentais face à expressão emocional e sintomas de internalização e externalização da criança*. Tese de Mestrado em Psicologia Clínica não publicada. Braga: FPCE/Universidade do Minho.
- Parker, A. E. (2006). *Parental socialization of positive and negative emotions: Associations with children's everyday coping and display rule knowledge*. A dissertation submitted to the Graduate Faculty of North Carolina State University.
- Perlman, S. B., Camras, L. A., & Pelphrey, K. A. (2008). Physiology and functioning: Parents' vagal tone, emotion socialization, and children's emotion knowledge. *Journal of Experimental Child Psychology*, 100, 308-315. doi: 10.1016/j.jecp.2008.03.007
- Pinto Gouveia, J., & Dinis, A., (2008). Leahy Emotional Schema Scale - Modificado. Manuscrito não publicado. Disponível com os autores. Coimbra: FPCE/ Universidade de Coimbra
- Roberts, W., & Strayer, J. (1987). Parents' responses to the emotional distress of their children: Relations with children's competence. *Developmental Psychology*, 23(3), 415-422.
- Suveg, C. M. (2003). *Emotion Management in Children with Anxiety Disorders: A Focus on the Role of Emotion- Related Socialization Processes*. Doctoral Thesis submitted to the University of Maine.
- Valiente, C., & Eisenberg, N. (2006). Parenting and Children's Adjustment: The Role of children's Emotion Regulation. In D. K. Snyder, J. A. Simpson & J. N. Huges (Eds.). *Emotion regulation in couples and families: Pathways to Dysfunction and Health*. Washington, DC: American Psychological Association (pp.123-142).
- Zhou, Q., Eisenberg, N., Losoya, S.H., Fabes, R.A., Reiser, M., Guthrie, I.K., ...Shepard, S.A. (2002). The relation of parental warmth and positive expressiveness to children's empathy-related responding and social functioning: A longitudinal study. *Child Development*, 73(3), 893-915.

The role of emotional schemas on the transgenerationality of the negative emotions socialization process

Recently, with the resurgence of interest in the field of emotions within various domains of psychology, increased attention has been given to the study of the emotion socialization process. The present study focuses on this process, searching evidences for a transgenerational effect, in a sample of 172 mothers of 8 to 12 years-old children. The results confirmed the existence of the transgenerational effect and showed that the relation between family expressivity and mothers reactions to children's negative emotions was mediated by emotional schemas.

KEY-WORDS: emotion socialization; family expressivity; parental reactions; emotional schemas

Le rôle des schémas émotionnels dans la transgénérationnalité du processus de socialisation des émotions négatives

Récemment, avec le regain d'intérêt dans le domaine des émotions dans les différents domaines de la psychologie, une attention accrue a été accordée à l'étude du processus de socialisation des émotions. La présente étude se concentre sur ce processus, à la recherche des preuves d'un effet transgénérationnel de ce processus, sur un échantillon de 172 mères d'enfants de 8 à 12 ans. Les résultats des études, confirment l'existence de l'effet transgénérationnel bien comme de l'effet médiateur des schémas émotionnels des mères dans la relation entre l'expression émotionnelle de la famille d'origine et les réactions des mères à l'expression émotionnelle négative de leurs enfants.

MOTS-CLÉS: socialisation des émotions; l'expressivité de la famille, les réactions des parents; schémas émotionnels